

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ILSA SILVEIRA DE MIRANDA

**AFETIVIDADE E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ILSA SILVEIRA DE MIRANDA

**AFETIVIDADE E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M672i Miranda, Ilsa Silveira de.
A importância da educação infantil e as relações afetivas que permeiam
essa fase : memorial de formação / Ilsa Silveira de Miranda. -- Campinas,
SP : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.

08-384-BFE

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Aos meus amigos Dirce, Linia , Roselaine e Ari, pela força e estímulo.

Aos professores, que com carinho conseguiram entender as minhas dificuldades.

Em especial, a Renata Ceribelli e Maura Rodrigues de Campos, que colaboraram para que este sonho se concretizasse.

Agir, por tanto, é o poder humano de gerar o novo, de mover novos processos através da rede de relações humanas. Requer coragem porque uma vez iniciada um ação, ninguém tem condições de controlar suas ramificações, seus desdobramentos: a história que nasce na colisão das ações e das reações individuais é o lugar a casualidade, dos eventos improváveis e imprevisíveis. São historias que não tem a paternidade, parece que não foram feitas por ninguém mais para quem as vivem, para quem as vê, elas tem sentido enquanto para os protagonistas, para quem as realiza tem significado e tem finalidade.

GALLARI GALLI

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	6
1.MINHA HISTÓRIA: INTERLIGAÇÃO DE VÁRIAS OUTRAS -----	7
2.OS MEUS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES EM UM ELO DE MARCAS AFETIVAS QUE FICARAM -----	10
3.O INÍCIO DE UM TRABALHO E A NECESSIDADE DE UMA FORMAÇÃO TÉCNICA--	12
4. A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE EDUCADOR E EDUCANDO, NUMA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS -----	17
5. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ENSINO E CONTRIBUIÇÃO DO PROESF -----	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	24

APRESENTAÇÃO

O objetivo desse presente memorial será a apresentação e reflexão de minha trajetória pessoal e profissional, como também o meu percurso de formação educacional.

Com muita dificuldade de expressar-me através da escrita e com a colaboração de muitos amigos, tentarei dar ênfase de como vivi o lúdico em minha infância, vivenciado junto a uma família com poucos recursos, e como tento proporcioná-lo para minhas crianças.

Relatarei também o meu início de trabalho na educação infantil e a confusão de papéis e sentimentos que vivi, onde me sentia mãe substituta das minhas crianças.

Contarei o motivo que me levou à necessidade de uma formação acadêmica, acontecida em exercício, a qual me trouxe novas reflexões e ações sobre a minha prática pedagógica.

1. MINHA HISTÓRIA: INTERLIGAÇÃO DE VÁRIAS OUTRAS

Ao visitar a aldeia indígena Krukutu, numa excursão da disciplina Educação Infantil de 0 a 6, juntamente com assistente pedagógica Zilda, sua paisagem e cultura me remeteram sobre lembranças dos lugares e modelos de minha infância. Entre estas recordações me deparei com uma reflexão profissional que coloquei dentro de uma instituição, sem restrição de espaço e com disponibilidade de tempo para a cultura infantil. Vivi minha infância na zona rural, em uma região em que predominava a produção pecuária. Era um município pouco habitado, mas foi uma infância rica de tempo e espaço. Éramos três irmãos (Ilsa, Elza e Ovídio). Passávamos o dia brincando, porém nos lugares combinados e determinados pela nossa mãe, que nunca sabia qual dos lugares determinados por ela podíamos estar. Éramos localizados ao responder seus chamados por meios de gritos que davam eco na cachoeira, meio de comunicação necessária, já que a visão era prejudicada pelas altas árvores nativas. Brincávamos em vários locais, mas não nos era negado uma estrutura de produção cultural relacionada à infância: *“É no brincar, e talvez apenas no brincar que a criança ou adulto fluem sua liberdade de criação.”* (WINNICOTT, 1975 p.68)

Sobre as margens do ribeiro, eu olhava com admiração suas águas limpas que corriam entre as pedras brancas e cristalinas, decoradas por borboletas de cores variadas, os movimentos das vacas e dos cavalos enquanto bebiam água. Lá convivi com vários coelhos brincando livremente na vegetação de junco, cabras que repousavam na moita de capim, pássaros que se banhavam nas águas do riacho e outros que tomavam sol sobre as margens, cabritos selvagens que vi, rapidamente, atravessando as águas. E, adorava sentar sob as pedras, só para ficar observando e conversar com minha imagem refletida no fundo das águas. Às vezes, vinha uma dúvida, se aquela criança era mesmo eu. Começava a fazer movimentos com a mão, colocando-a sobre alguma parte do corpo, mas ao ver as nuvens se movimentarem no fundo d'água sob a minha imagem, ficava muito assustada, pensando que no fundo daquelas águas havia um buraco, uma passagem para outro planeta. Essas vivências eram como se fossem um mistério, o qual não conseguia desvendar sozinha. Chamava o meu irmão que cutucava o fundo do riacho com um pedaço de pau, mesmo assim eu não entendia e não queria entrar na água, ele pegava em minhas mãos, puxando-me para dentro dela. Já familiarizada com aquelas imagens, retornava, sempre para brincar e chamava o outro dizendo: “vamos nadar no céu!”

Nesse lindo bosque, em que a argila branca (tabatinga) ocupava o lugar da massinha de modelar, confeccionei os meus pais, irmãos, os meus padrinhos de batismo, o padre, a panela, a boneca e os bois puxando o carro. Ações que davam asas ao meu desenvolvimento simbólico.

Segundo a teoria de VYGOTSKY:

a ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado desta situação. (COLE, STEINER, SCRIBNER, e SOUBERMAN, 2002, P.127)

Recordo-me das tardes que íamos ao campo junto com a mamãe arrancar vassouras, nós ficávamos correndo e brincando de esconde-esconde entre as vegetações que cobria o solo daquele amplo e maravilhoso espaço. Para descansar, sentávamos sobre a sombra de uma das árvores e ficávamos brincando com pedrinhas no chão.

Ao ver a onda que o vento fazia sobre a vegetação de vassoura, saíamos correndo ao seu encontro. Assim que ele passava por nós, começávamos a correr para alcançá-la, esse momento prazeroso durava pouco, pois, as ondas vinham e iam com rápida velocidade.

Eu ficava encantada ao ver os pássaros caminhando em busca de alimento, quando encontravam ficavam bicando o chão. Nesse momento, nós corríamos para pegá-los, mas os pássaros batiam as asas, voando para a copa de uma árvore. Um dia, papai armou um alçapão, o qual levamos para o campo e amarramos no galho de uma árvore. Nesse dia voltamos para casa com um pássaro. A partir desse momento, nós ficamos responsáveis pela comida do pássaro como alpiste, ovo cozido e frutas.

Em outros dias em que íamos brincar de casinha, levávamos a gaiola do pássaro, que ficava no alpendre da casa. Ele cantava muito e nós conversávamos muito com o pássaro, mostrava os brinquedos, ensinava as cores dizendo “você está vendo esse pano vermelho? Vou enrolar a boneca, coitadinha ela está com frio”. Por ser um pássaro pequeno dei o nome de “tico”. Como era bom imaginar e fantasiar nossos pensamentos, brincar e ser livre para sonhar.

O meu irmão passou a ajudar meu pai na lavoura e sem a sua companhia a mamãe não me deixava brincar longe de casa. O jeito era ficar brincando na sala e no quintal. Durante as brincadeiras, eu pegava, às escondidas, o lenço de seda para amarrar na minha cabeça e o véu que era de minha mamãe, me fantasiava e ia à frente do espelho que refletia o lenço passando por diversas variações de arranjos, simbolizando os meus cabelos longos e, assim, conversava comigo mesma.

Às vezes, brincava no canto da sala conversando com minha boneca, mais adiante, ficava minha irmã em sua casinha, representando ser minha comadre.

Nas noites de inverno, enquanto minha mamãe dormia, nós ficávamos ao redor do fogão de lenha. Meu pai brincava com meus irmãos de sombra sob a luz do lampião a gás e eu observava, sentada na taipa, o fogo, cutucava suas brasas que soltavam faíscas que subiam e se misturavam com os cordões luminosos. Muitas vezes perguntei ao meu pai sobre esses acontecimentos, ele dizia

que era porque quando a chapa esquentava ela criava “camaradas”, então lhe perguntei o significado dessa palavra e ele me disse que era “companheiro do fogo”. Nessas vivências infantis, sempre surgia fortemente, o faz-de-conta.

No ano de 1974, minha família migrou para outra região e, a partir dessa época, passei a brincar no quintal de casa. Por ter vivido uma infância de criança camponesa pobre, tive poucos brinquedos, que eram confeccionados pela minha mãe com objetos como: latinhas, pedaços de pau etc. Esses objetos se tornavam brinquedos concretos em meu imaginário, com os quais me relacionei de maneira afetiva, prazerosa e os guardo até hoje na lembrança. Diante disso, penso em Walter Benjamin (1984) que:

ao elaborar suas reflexões de infância, diz que somos capazes de produzir rememorações, resignificando, alterando os rumos da nossa própria história nas relações com outras histórias.

Assim, vou registrando a minha história, dando ênfase a uma totalidade de acontecimentos em diferentes momentos da minha vida.

2. OS MEUS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES EM UM ELO DE MARCAS AFETIVAS QUE FICARAM

Segundo Paulo Freire (2006, p.35), há uma grande cumplicidade que vem a ser necessária no ato de ensinar e de aprender.

Felizmente, de 1ª a 4ª série, fui premiada por uma professora que foi alvo de projeção positiva na minha alfabetização porque, com muita paciência e carinho, conseguiu transmitir-me segurança, mostrando que eu era capaz de aprender após uma reprovação.

como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso, permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso por outro lado, negar que meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com ajuda necessária do educador. (FREIRE, 2006, p.78)

No ano seguinte, a professora pediu para que meus pais comprassem a cartilha “Caminho Suave” como reforço. No decorrer dos anos escolares do primário, hoje chamado Ensino Fundamental, até a quarta série tive oportunidades de ter contato com vários textos, os quais foram marcas de uma afetividade positiva, criando um elo interativo que não esqueci e que foram construídos através da fala, do gesto e do olhar tão meigo da minha professora que nos observava, demonstrando uma preocupação em interpretar nossos desejos, isso criava uma permuta de interesse pelas atividades pedagógicas. A professora estava sempre ampliando os nossos conhecimentos. Um dia, ela trouxe um pacote de livros, onde observei um que me chamou atenção, pois em sua capa havia uma figura de um vidro de remédio, “biotônico”. A professora disse para os alunos que o personagem da história chamava “Jeca Tatu”, e fez um paralelo dando a importância à higiene e ao bem estar da criança. Orientou-nos que, a partir daquele momento, iríamos levar o livro para casa. Eu não sabia ler, mas já conhecia as vogais. Em casa, tive mais oportunidades de manusear o livro e interagir com a escrita. Sentava no canto da sala e ficava brincando de ler, corria os olhos sobre a escrita e lia uma história imaginária relacionada ao desenho que estava no topo da folha.

Houve uma premiação na escola através do sorteio de uma coleção de livros de histórias infantis. Por incrível que pareça fui eu que consegui ganhar. Nessas alturas, já estava alfabetizada.

Um grande interesse tomou conta de mim, pelas frases ilustradas e pelas histórias incríveis que a professora contava. Aquelas histórias me remeteram às boas lembranças em relação aos meus brinquedos reais e aos imaginários.

O prédio destinado à escola em que nós estudávamos também era usado como igreja e sua água era de poço artesiano. Recordo que nos dias frios, sentávamos sobre a tampa pra tomar sol e a

professora lia livros infantis, entre eles, o “Negrinho do pastoreio”.

Ao lado da escola tinha um campo de futebol, local em que era usado para jogos e brincadeiras com a participação ou não da professora. Os meninos organizavam gincanas e convidavam as meninas para participar, eles também corriam pedalando um pneu de carro sobre o chão, tocando-o com a mão direita. Outras brincadeiras eram realizadas como rolar tambor sobre o chão com ou sem criança dentro.

Elaborávamos times de futebol meninos x meninas, quando elas eram vencedoras eles tinham dificuldade em aceitar o resultado. Apesar de haver uma diferença de idade nós brincávamos todos juntos, as crianças menores testavam seus limites e as maiores tornavam-se solidárias.

Ao lado da margem do campo havia três gangorras construídas de tronco de eucalipto que nos proporcionavam balançar tão alto que pensávamos estar voando feito um pássaro, uma mistura de poder e magia.

As cantigas de roda que nos acompanhavam no recreio e as brincadeiras de esconde-esconde na plantação de milho que ficava perto da escola, completavam as atividades curriculares, possibilitando identificar uma aprendizagem significativa e prazerosa. *“A escrita é importante na escola porque é importante fora dela e não o contrário”*. (FERREIRO, 2001 p.117)

Minha alfabetização foi uma conquista escolar muito importante, pois meus pais eram analfabetos, o que fez com que eu não tivesse ajuda nas lições de casa. Assim que aprendi a ler e escrever, comecei a cuidar da economia doméstica (preencher cheques, ler e escrever cartas, fazer listas de compras e à noite, ler a bíblia no horário da oração).

3. O INÍCIO DE UM TRABALHO E A NECESSIDADE DE UMA FORMAÇÃO TÉCNICA

Em 1998, por concurso público, comecei a trabalhar como monitora em uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). A visão que eu tinha de creche era a assistencialista. Foi um concurso que só exigiu o Ensino Fundamental e a bagagem que trouxera comigo era a do senso comum.

Senti-me perdida, via-me num contexto de substituição da família. Foi nesse momento que comecei a buscar, mesmo inconscientemente, ser mãe de cada criança de minha turma, e vieram, então, as cobranças administrativas voltadas à alfabetização.

Penso que até mesmo algumas diretoras de EMEI não sabem qual é o verdadeiro significado de uma bagagem teórica voltada para a Educação Infantil. Lembro-me que um dia eu estava na sala brincando de pega-ladrão com a minha turma (crianças na faixa etária entre 2 e 3 anos), quando a diretora entrou com uma folha de sulfite na mão, onde estava digitado o poema escrito abaixo:

Profundamente

(Manuel Bandeira)

Quando ontem adormeci

Na noite de São João

Havia alegria e rumor

Estranhos de bombas, luzes de bengala

Vozes cantigas e risos

Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei

Não ouvi mais vozes nem risos

Apenas balões

Passavam errantes

Silenciosamente

Apenas de vez em quando

O ruído de um Bonde

Cortava o silêncio

Como um túnel

Onde estavam os que há pouco

Dançavam

Cantavam

E riam

Ao pé das fogueiras acesas?

- estavam todos dormindo

Estavam todos deitados

Dormindo

Profundamente

Quando eu tinha seis anos

Não pude ver o fim da festa de São João

Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes da que tento

Minha avó

Meu avô

Totônio Rodrigues

Tomasia

Rosa

Onde estão todos eles?

- Estão todos dormindo

Estão todos deitados

Dormindo profundamente.

A diretora me disse:

“ - Dê para as crianças lerem.”

Fixei o olhar em seu rosto e disse-lhe: - De que forma, assim não está significativo a elas? Como vou dar para as crianças lerem se elas não sabem ler? Necessitamos de desenhos e da oralidade, necessitamos trabalhar algo significativo para as crianças e não dessa forma, isso não é Ensino Fundamental.

A partir deste momento criei os conflitos internos: qual seria o objetivo do meu trabalho? Deveria fazer da creche um ambiente familiar, uma extensão de suas casas, ou transformar a creche num ambiente de analfabetos escolarizados?

Durante o período de trabalho não dava para trocar experiências entre monitores e professores. O horário de reuniões pedagógicas nesta EMEI era horário em que a diretora

antecipava a educação infantil para o ensino fundamental. Sentindo-me perdida e só, fui em busca de uma formação profissional.

Junções foram sendo feitas em um percurso profissional e de formação; mudei de EMEI, trabalhei com outras faixas etárias e, paulatinamente, fui descobrindo um trabalho voltado à valorização da cultura infantil.

Durante o curso de magistério, realizado no COLÉGIO PIRACICABANO através de um convênio junto à Secretaria Municipal de Educação para a “formação em serviço”, conforme ia tomando conhecimento da teoria, ficava encantada com a compreensão que ela me trazia sobre o mundo das crianças e seu desenvolvimento. Comecei a construir a minha estratégia de trabalho, sentindo-me segura do que fazia e, sempre que via oportunidade, trocava experiências com minhas colegas de trabalho.

Digo seguramente que essas estratégias reforçaram-me quando a professora Ana Lucia Goulart disse em sua primeira aula que o professor de educação infantil não tem alunos, tem crianças, e que ele não dá aulas, organiza os espaços. Essa fala me fez refletir sobre um espaço físico e um trabalho voltado para as necessidades das crianças.

Este espaço, portanto, é o “pano de fundo”, a “moldura”, como afirma Mayumi Souza Lima. Ele será qualificado adquirindo uma nova condição, a de ambiente:

o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança existe espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou da opressão. (LIMA,1989, p.30)

São esses espaços que nos convidam a descobrir a necessidade de conhecer e respeitar a vida e a cultura de cada criança, investigando e desvendando a história de cada um para assim, descobrirmos o porquê de suas dificuldades e de suas atitudes. *“O hábito de criticar destrutivamente as crianças persiste até hoje em nossas salas de aula, desencadeando e internalizando a ascensão de fracasso”*. (CERIZARA, 1990 p.64)

A EMEI é um lugar em que se aprende de maneira coletiva, desde as atividades de rotinas entre outras atividades, dentro de um universo infantil marcado pela diversidade e espontaneidade de movimentos e gestos.

As instituições de educação infantil são espaços onde acontece o imprevisto, mesmo tendo uma programação. Diante do convívio entre as mais variadas diferenças, dentro de um espaço regido pelas regras, que atende as exigências das atividades programadas individual ou coletivamente, pergunto-me: será o aprendizado de vida em sociedade (solidariedade, generosidade,

cooperação, amizade), valores que podem vir-a-ser ou não em uma sucessão de acontecimentos no dia-a-dia da EMEI?

As crianças vão estabelecendo relações com seus pares, com crianças de outras idades e com os adultos, experimentando, imitando, simulando e inventando brincadeiras de expressões e manifestações culturais das próprias crianças.

Segundo Dantas:

afetividade designa os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. É um processo corporal e centrífico que obriga a se voltar para as alterações íntero e proprioceptivas que acompanham e prejudica a percepção do exterior. Caracteriza não o processo relacional, mas o fechamento da consciência sobre si. (DANTAS,1990, p.10)

Nesse sentido, penso que o ser humano desde que nasce vai passando por fases de transformações junto aos conhecimentos adquiridos. O espaço, que organizado à brincadeira proporciona o desenvolvimento simbólico, oferece também a conquista da aprendizagem através da cultura da infância.

o movimento ajuda a criança a construir conhecimentos do mundo que a rodeia, pois é através de sua ação no meio ambiente que a criança pode formular os primeiros conceitos lógicos matemáticos, pois o sentimento de tempo e espaço é construído primeiramente no corpo, corpo este que media a aprendizagem. Assim, brincando com seu corpo vai construindo diferentes noções. (OLIVEIRA, 1997, p. 34)

A criança aprende pelo corpo e, é através dele que se relaciona com o meio em sua volta. É observando, olhando, conhecendo, tocando, manipulando e experimentando que se vai construindo conhecimentos.

Neste jogo da busca de conhecimento, onde se pode brincar, jogar através de um espaço e tempo mágico, onde tudo é possível, onde a imaginação pode desenvolver-se de forma sadia, constrói-se o real pelo imaginário. Esse é o lugar e o tempo próprio para crescer e construir conhecimentos, o que mostra que além da família, a EMEI é fundamental para o desenvolvimento da criança.

4. A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE EDUCADOR E EDUCANDO, NUMA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Por trabalhar com crianças pequenas (2 a 3 anos de idade), em que a mediação visará à aprendizagem, procuro colocar-me diante de um elo afetivo sendo mediadora, visando aguçar a capacidade e a criatividade da criança.



ATIVIDADE COM MÁSCARA

Quando vamos ao parque, as crianças observam as transformações que ocorrem nas plantas e diferenciam os fenômenos da natureza, essas observações permitem mostrar qual a estação que a criança deve assinalar no calendário do tempo. Ao brincar no parque, as crianças manuseiam folhas secas, gravetos, tocam na grama e caminham descalças e, através da minha intervenção, conseguem diferenciar diversas texturas, sentindo-as. Estão sempre realizando descobertas e fazendo perguntas “o que é isso?”. Solicitam a intervenção de um mediador que junto a sua observação possa construir um significado.

Sempre que vamos brincar próximo ao pé de acerola, as crianças olham atentamente para o chão e quando encontra alguma, vêm correndo mostrar pra mim felizes: “olha o que achei!”, “é vermelha, vou guardar na bolsa”. E, ao levar a acerola na boca, uma das crianças interfere dizendo que está suja. Procuro aproveitar esse momento para falar e reforçar sobre a higiene e a alimentação. Aproveitamos para pegar mais acerolas e fazer um suco na sala de atividades onde todos participam com alegria e curiosidade. Quando as crianças vão embora, no portão de saída da unidade, percebo-as relatando aos pais os acontecimentos.

Em um dia após uma chuva, as crianças puderam rabiscar a terra úmida do parque com gravetos, desenhando o sol, a menina etc., bateram com a vara na poça da água de chuva dizendo que estavam pescando. Combinei com os alunos que poderíamos estar fazendo um rio cheio de peixes, e todos concordaram. Fomos para a sala de atividades e com a minha orientação fizemos uma maquete, e colocamos no canto da sala para que elas pudessem apreciar todos os dias. Uma das crianças sugeriu que fosse mostrado aos pais o trabalho.



PESCARIA NO PARQUE

Quando vamos brincar no tanque de areia as crianças demonstram iniciativas e criatividade ao manusear brinquedos como o balde, copinho, rastelo, pazinha. E durante esses períodos em que elas brincam, interagem entre si, através dos equipamentos do parque, balanço, gira-gira, gangorra e escorregador de maneira afetiva e autônoma.

Ao desenvolver as atividades sobre a rotina, higiene, procuro orientar as crianças disponibilizando uma maior interação com o outro. As crianças formam grupos e apresentam uma autonomia na organização dos brinquedos, na troca de roupas após o banho, separam suas próprias vestimentas e expressam com sucesso seus sentimentos e emoções.

Na sala de aula, é que ocorre as mais diversificadas brincadeiras, procuro desenvolver atividades em áreas, onde a criança possa apresentar uma interação com vários objetos como massinha, gibis, jogos pedagógicos, etc. Elas mantêm uma relação afetiva em múltiplas produções. É necessário que a criança conviva em um ambiente rico de materiais e oportunidades, de modo que possa construir seus conhecimentos. Logo:

a pesar da relação brinquedo – desenvolvimento poder ser comparada à relação instrução – desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. (VYGOTSKY 1991, p.122).

Assim, a educação por meio de atividades lúdicas, próprias à cultura infantil, vem estimulando as relações cognitivas, afetivas, sociais, além de propiciar atitudes críticas no processo do desenvolvimento infantil.



DESFILE NO BAIRRO

5. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ENSINO E A CONTRIBUIÇÃO DO PROESF¹

Conforme o artigo 29, da LDB², a primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Pautado nestes princípios as creches e pré-escolas devem começar a respeitar os direitos das crianças pela construção e arquitetura de seu espaço físico o qual será o principal apoio do professor, de priorizar o desenvolvimento da criança, tanto no social como no biológico.

Sempre procurei construir um “cenário” no qual tivesse dentro, uma sala ambiente colocada dentro da proposta da pedagogia infantil, e através dela, desenvolver meu trabalho. Práticas que foram impossíveis de serem realizadas nos meus primeiros anos de trabalho, pois, não possuía uma formação adequada para tal.

Hoje procuro desenvolver o meu trabalho acima do que pude vivenciar no curso do PROESF, foram três anos convivendo e trocando experiências com as colegas, professores (as) e autores abordados durante o curso. Foi possível haver interação, troca de saberes com as companheiras de classe e com todos os profissionais. Foi um período de reflexão, onde houve buscas e mudanças de minhas ações e atitudes pessoais e profissionais. As leituras dos textos proporcionaram um conhecimento amplo e necessário para minha formação, onde pude aplicá-lo no meu dia-a-dia com as crianças.

Pude ter o respaldo dos professores do PROESF e de muitas leituras de textos de autores e de clássicos nas disciplinas da Educação Infantil de 0 a 6 anos, para compreender a importância do brincar no ensino infantil e de esclarecimentos sobre minha prática pedagógica.

Sendo assim:

é fundamental que se assegure à criança o tempo e o espaço para que o lúdico seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida da criatividade e da participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver” (MARCELLINO,1990, p.73)

Desse modo, observando criticamente as mudanças na educação, pude refletir, ousar e assumir posições frente a minha proposta de trabalho, explorar a ludicidade no contexto escolar. E essa opção pelo lúdico, também está ligada à minha vida particular porque desde criança tinha

¹ Programa Especial de Formação de Professores em Exercícios no Municípios da Região Metropolitana de Campinas

² Lei de Diretrizes de Base

verdadeiro fascínio pelos jogos e brincadeiras, pois, segundo Freire (2006, p.30), *“todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje”*.

Descobrir o que uma criança gosta é muito importante e fundamental para elaboração de projetos de ensino. Levar em conta o interesse do aluno propicia muito mais um envolvimento com as brincadeiras e jogos, e sua oportunidade para grandes avanços. Afinal, apreciar as diversidades de brincadeiras em um convívio coletivo e individual é sempre rico e prazeroso para a criança.

O professor deve assumir a posição de observador, juiz, organizador, sendo assim um *“elemento mediador entre os alunos e os conhecimentos, via ação do jogo.”* (VYGOTSKY, 1991, p.97)

Vale ressaltar que, para Vygotsky, a mediação proporciona o desenvolvimento, e que *“enquanto brinca a criança comporta-se de uma forma mais avançada”*. (op. cit.p.98).

OLIVEIRA (1988, p.202), conclui que:

no brinqueado, a criança vive a interação com seus pares na troca, no conflito e no surgimento de novas idéias, na construção de novos significados, na interação e na conquista das relações sociais.

É relevante a citação acima, pois penso que é de suma importância trabalhar com a criança atividades dirigidas e livres. Levando – se em conta de que não se devem estabelecer padrões comportamentais ou julgá-las sob o seu desempenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Junto à evolução industrial ocorreu a oferta de mão de obra que originou o deslocamento das pessoas do campo para a cidade, causando uma super população, o que fez dos lugares coletivos, tanto públicos como privados, serem iguais a “coração de mãe”: sempre cabe mais um, mais uma presença é motivo de comemoração, exaltando o ser.

Sendo assim:

o projeto da escola em uma perspectiva sócio econômico cultural, deve considerar como ponto de partida a compreensão da lógica da mudança social e das organizações escolares como agências de fluxos e transformações econômicas, políticas e culturais, pois isso impõe ao gestor escolar, novas atitudes no trabalho, nas relações inter-pessoais e com a comunidade em geral.” (YAMAMOTO, 2006, p.19)

À escola cabe mais que ensinar, isto é, garantir a aprendizagem de certas habilidades e conteúdos que são necessários para a vida em sociedade. A escola é lugar de relações humanas, afetivas.

Desde a primeira etapa do ensino básico, a aprendizagem constitui numa relação afetiva entre professor e aluno voltada para as atividades lúdicas e criativas, com estratégias que oferecem todas as oportunidades para estimular o desenvolvimento cognitivo, afetivo, sensório-motor, proporcionando o desenvolvimento de atitudes de iniciativa e responsabilidade, assim como de cooperação e solidariedade. Nestas relações inter-pessoais, a relação de afeto entre professor e aluno é primordial para o êxito de ambos.

Por isso, é fundamental conhecer as expectativas dessa comunidade, suas necessidades, formas de sobrevivência, valores, costumes e manifestações culturais e artísticas.

É através desse conhecimento que a escola pode atender a comunidade e auxiliá-la a ampliar seu universo mental de compreensão e transformação social, pautada no respeito, elevando a parceria entre família e escola e não tomando o seu lugar.

Que as relações afetivas na escola sejam motivos de estímulo para o caminhar e desenvolver juntos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Valéria Amorim. *Atividades na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003

BENJAMIN, Walter. *A criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacionais*, nº. 9394/96, de 20 de dez. 1996.

CERIZARA, Beatriz. *Rousseau: A educação na infância; pensamento e ação no magistério*. São Paulo: Scipione, 1990.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA Taile, Y. de Piaget, Vygotsky, Wallon: *Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus., 1990.

FERREIRO, Emilia. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GOHN, Maria da Gloria. *Conselhos gestores e participação sociopolítico*. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006.

MARCELLINO, N.C. *Pedagogia da animação: lazer e infância - o furto do lúdico: implicações para o processo educativo* - Campinas. SP. ,Papirus 1990.

OLIVEIRA, Z. de M.R. *Jogo de papéis: uma perspectiva para análise do desenvolvimento humano*. Tese de doutorado, USP. SP, 1988.

OLIVEIRA, Marta Khol de .*Vygotsky – aprendizado e desenvolvimento -um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.

VYGOTSKY,L. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*.Org.Michael Cole.São Paulo,Martins Fontes,1991.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Imago, 1971.